

Uma visão do bilíngüe acerca de seu bilingüismo

Mônica Ferreira

Resumo: O objetivo a partir deste estudo é verificar como o bilíngüe considera seu bilingüismo com relação a si mesmo e aos outros, se há ocorrência de uma situação de diglossia ou ainda se há preconceito por parte do bilíngüe equilibrado com relação ao desequilibrado e vice-versa, e qual a influência da sociedade nessa multiplicidade de valores.

Quando se focaliza o bilingüismo individual na sua interface com o social, dois fatores adquirem relevância especial – as atitudes das pessoas em relação ao uso das línguas e aos seus falantes e a motivação do indivíduo para a aprendizagem/uso da(s) língua(s). As atitudes dizem respeito ao modo como o falante se julga ou é julgado pelos seus pares com referência ao seu comportamento lingüístico, enquanto que a motivação está relacionada ao desejo ou ao impulso que move a ação do indivíduo/aprendiz para atingir um objetivo específico.

Assim, pretende-se analisar se o comportamento lingüístico do indivíduo bilíngüe é afetado não somente pelas suas reações individuais, mas também pelas influências sociais e pela repercussão que o seu comportamento tem no meio social.

Palavras-chave: Línguas em contato; conflito lingüístico; bilingüismo.

Por meio de uma breve análise do conceito que tem o bilíngüe acerca de seu bilingüismo e das relações sociais inseridas nesse processo, este trabalho pretende discutir a situação de bilingüismo tanto do bilíngüe equilibrado (aquele que esteve em contato com duas ou mais línguas desde sua primeira infância e apresenta a proficiência de um nativo em ambas as línguas) quanto do bilíngüe desequilibrado (aquele que aprendeu uma outra língua após a infância), e o papel da sociedade diante dessa realidade bilíngüe.

Tem-se como objetivo analisar como as pessoas vêem sua situação de falante bilíngüe, como consideram esse fator em sua vida, bem como a posição da sociedade com relação a elas. Tal abordagem se justifica na medida em que se constitui o fato de que vivemos uma realidade de plurilingüismo. Nosso país apresenta comunidades de diferentes etnias, portanto existem falantes bilíngües por vários motivos e situações, como por exemplo: imigração, casamentos de pessoas de nacionalidades distintas ou mesmo por opção, no caso dos bilíngües desequilibrados, o que constitui o caso mais freqüente. Assim,

é importante tanto perceber o que isso significa para o indivíduo na formação de sua identidade quanto nas relações sociais desse processo.

Considerando o ponto de vista de Borstel (2006: 282), a questão da linguagem é importante na medida em que é nela que um grupo se identifica, oferecendo pistas lingüísticas que permitem ao usuário, através de sua língua materna vernácula, ser identificado pela sua etnia e cultura.

Fatos reais são o multiculturalismo e os traços do hibridismo lingüístico em nosso país, os contextos de minorias lingüísticas e étnicas dos povos indígenas (o universo indígena no país hoje é pequeno, mas os seus aspectos socioculturais, sociolingüísticos e sociohistóricos estão presentes na sociedade, na educação e na cultura); as comunidades de imigrantes (italianos, alemães, poloneses, russos, austríacos, turcos, árabes, japoneses); as comunidades de fronteiras e muitas outras.

Primeiramente, é importante apresentar algumas definições acerca do bilingüismo, algumas caracterizações que possibilitam classificar um falante como um ser bilíngüe e alguns diferentes tipos de bilingüismo.

Até 1970, o bilingüismo era considerado um problema secundário, ou seja, não central às disciplinas a ele relacionadas. Spolsky (s.d.) cita Dingwall (1971) para referir-se ao único registro importante ao estudo do bilingüismo até então, um trabalho de Slobin sobre psicolingüística, no qual crianças bilíngües são objeto de análise do desenvolvimento da linguagem.

Entretanto, nos últimos anos o bilingüismo tem sido discutido e analisado. Frequentemente, é definido e descrito em termos de categorias, escalas e dicotomias tais como: bilíngüe ideal x parcial, coordenado x composto, entre outros; relacionados a fatores como proficiência, função; e outros que serão abordados na seqüência desta pesquisa.

Dentre as inúmeras definições acerca do bilingüismo, destaca-se a de Bloomfield (1933 apud Grosjean 1982), que caracteriza como bilíngüe o falante nativo de duas línguas.

Em contraste com esta definição, Haugen (1953 apud Grosjean 1982) observa que o bilingüismo começa quando o falante de uma língua é capaz de produzir completas e significativas expressões em outra língua. Diebold (1964 apud Romaine 1995), entretanto, apresenta o que poderia ser chamado de uma simples definição de bilingüismo quando usa o termo *Bilingüismo Incipiente* para caracterizar os estágios iniciais de contato entre duas línguas. Com isso, ele aponta para a mínima proficiência necessária para ser bilíngüe e afirma que uma pessoa pode ser bilíngüe em algum estágio, e portanto pode não ser capaz de produzir significados completos. Nesse sentido, alguém pode, por exemplo, entender uma língua qualquer, mas não ser capaz de produzir expressões significativas nesta língua. Quando ocorre tal situação pode-se afirmar que determinada pessoa é um *falante passivo* ou dotada de um *bilingüismo receptivo*. Hockett (1958 apud Romaine 1995) utiliza o termo *semibilingüismo* para definir tal situação.

Dentro dessa perspectiva, Diebold (1964 apud Romaine 1995) afirma que todos os países deveriam ser classificados como bilíngües incipientes, uma vez que, provavelmente todo mundo tem conhecimento de algumas palavras em outra língua. Já Mackey (1968 apud Hakuta 1986), conclui que para estudar o bilingüismo é necessário considerá-lo como algo relativo, pois, o ponto em que um falante de uma segunda língua se torna bilíngüe é arbitrário ou impossível de determinar. Assim, ele considera o bilingüismo como uma simples alternância de duas ou mais línguas.

Conforme McLaughlin (1978 apud Hakuta 1986), há diferentes tipos de bilingüismo. Ele apresenta o critério idade para estabelecer a diferença entre o que ele caracteriza como *bilingüismo simultâneo* e *bilingüismo sucessivo*. A criança que adquire duas línguas antes dos três anos é considerada capaz de fazer isso simultaneamente, enquanto uma criança que adquire uma língua na infância e a segunda após os três anos é considerada um bilíngüe sucessivo.

É importante ressaltar que, segundo o autor citado acima, o grau de bilingüismo desenvolvido não está relacionado ao fato de as línguas serem adquiridas de modo simultâneo ou sucessivo. São fatores psicológicos, tais como, o uso da língua na família ou

na escola, que irão condicionar quando, em que extensão e por quanto tempo a criança será bilíngüe, não a idade de aquisição das duas línguas.

Em estudos já referenciados por Borstel (2006: 284), sobre línguas *em contato* e *de contato*, tem-se conceituado o bilingüismo como uma situação em que coexistem duas línguas como meio de comunicação social, psicológica, histórica e geográfica.

Segundo pesquisas da mesma autora, sobre línguas em contato, Borstel (1992,1999 apud Borstel 2006: 284), pautadas em Weinreich (1953), Mackey (1968) e Heye (1979), tem-se afirmado que o bilingüismo é um fenômeno relativo, tratando-se de uma condição particular e/ou situacional, identificada pelo contexto sócio-cultural, psicológico e histórico, pela forma de aquisição das duas línguas, bem como pela manutenção ou abandono das mesmas em decorrência de fatores sociais, regionais e situacionais, tais como família, grupo social, escolaridade, ocupações profissionais, situações formais ou informais e idiossincráticas do próprio usuário.

Romaine (1995: 78) afirma que uma das mais comuns e debatidas distinções com relação ao bilingüismo individual na literatura reside no chamado *bilingüismo composto* e *bilingüismo coordenado*. Conforme sua organização cognitiva, o falante será um bilíngüe *composto* quando a aquisição de dois códigos der lugar a uma representação mental comum a ambos, ou um bilíngüe *coordenado* quando a aquisição dos mesmos conduzir a duas representações distintas, uma para cada um. No bilingüismo coordenado, a pessoa aprende as línguas em ambientes separados, e as palavras dessas duas línguas são mantidas separadas, de modo que cada palavra tenha seu significado específico próprio.

Weinreich (1953 apud Mozzillo 2001) foi o mentor de tal distinção ao afirmar que um bilíngüe pode conceber apenas um conceito para dois significantes diferentes, possuir dois significados distintos para dois significantes equivalentes nas duas línguas ou, também, considerar os referentes dos signos de uma língua aprendida como equivalentes aos da língua já dominada.

Além disso, Weinreich (1953 apud Romaine 1995), também distinguiu um terceiro tipo de bilingüismo, que seria um subtipo do *bilingüismo coordenado*. Nesse subtipo, os bilíngües interpretam as palavras de sua língua mais fraca através das palavras da língua mais forte. Dessa maneira, a língua dominante age como um filtro para a outra.

Por fim, Cummins (1981 apud Hakuta 1986:99) argumenta que há três tipos de bilingüismo: limitado, parcial e proficiente. O bilingüismo limitado é caracterizado pela baixa proficiência em ambas as línguas. No bilingüismo parcial o falante apresenta proficiência de nativo em apenas uma das línguas, e o bilíngüe proficiente apresenta a proficiência de um nativo em ambas as línguas.

A partir das definições acima apresentadas é possível perceber que o bilingüismo é um termo que evoca reações diversas em todos os lugares. Alguns acreditam que ser bilíngüe representa possuir uma habilidade extra, outros o consideram uma deficiência, mas o fato é que as reações, positivas ou negativas, relativas ao caso da utilização de dois idiomas estão intimamente relacionadas com a questão social dos falantes.

Em outras palavras, a sociedade e os meios educacionais podem tanto contribuir para manter o bilingüismo de seus falantes ou ainda tentar manter sua unidade lingüística com o objetivo de que o falante domine a língua local e aos poucos entre num processo de abandono de sua língua materna. Mackey (1967 apud Hakuta 1986:4), argumenta que o bilingüismo é um problema que afeta a maioria da população no mundo. Entretanto, o domínio de uma certa língua pode prejudicar o bilingüismo. Como grande parte da população não fala mais de uma língua, esta exerce pressão nos falantes de línguas consideradas mais fracas para que aprendam a língua dominante.

Por outro lado, Mackey (1967 apud Hakuta 1986:5) observa que as forças dinâmicas da história contribuem para o bilingüismo através dos movimentos de imigração, trabalho imigrante, invasões e colonialismo e outros motins que contribuem para fazer do bilingüismo um dos fenômenos mais comumente encontrados.

Historicamente, o bilingüismo tem sido associado à baixa renda e ao baixo status social. Portanto, a educação bilíngüe, que existe de varias formas como uma solução para problemas educacionais, é considerada suspeita por alguns setores públicos. Em outras palavras, esse tipo de educação é vista como incentivo a tendências separatistas em países como Canadá e Bélgica.

Além disso, juntamente com a caracterização dos novos imigrantes como transeuntes e isolados, estava a visão de que eles eram inferiores com relação à inteligência. Essa caracterização dos novos imigrantes se tornou um estereotipo aceito desses grupos étnicos.

Com isso, pode-se salientar que nos Estados Unidos, por exemplo, bilingüismo é um termo que significa algo muito além do uso de mais de uma língua. O bilingüismo em uma classe americana evoca a imagem de uma criança com um inglês pobre, que apresenta dificuldades na escola, e que, portanto, necessita de ajuda. Dessa forma, pode-se concluir que, no caso da sociedade americana, o bilingüismo é visto negativamente, de modo que isso é um valor repassado à criança ou ao adulto bilíngüe que passará também, provavelmente, a considerar sua condição como algo que o coloca à margem das relações sociais.

Os Estados Unidos têm sido, provavelmente, anfitriões para mais pessoas bilíngües do que qualquer outro país no mundo. De acordo com Hakuta (1986: 166) um dos mais fascinantes aspectos do bilingüismo nos Estados Unidos é a extrema instabilidade, por isso o bilingüismo nessa região é considerado um estágio de transição em direção ao monolingüismo inglês. Cada nova remessa de imigrantes trás consigo sua própria língua, e então testemunha a erosão de sua língua face à implicação do conhecimento da língua pública, no caso, o Inglês. O bilingüismo nos Estados Unidos é visto como um estágio de transição até a completa assimilação do monolingüismo inglês.

Outra razão para a rapidez da perda da língua nativa, nos Estados Unidos, é o trabalho dos psicólogos educacionais. Eles creditam ao bilingüismo uma impressão ruim e

sustentam o conselho das autoridades escolares, as quais sugerem aos pais que se rendam ao uso do inglês em casa. Nessa visão de aprendizado da língua, a supressão dos hábitos de utilização da língua nativa facilitaria a aquisição do inglês.

Por outro lado, há regiões que estimulam a pluralidade lingüística, como é o caso da região da Amazônia, no Brasil. Segundo o antropólogo Arthur Sorenson (1967 apud Hakuta 1986:176) a população nessa área tem um alto multilingüismo. Os costumes cercando a identidade e os casamentos são centrais para a situação lingüística. Os indivíduos são identificados por sua língua nativa, mas as condições sociais necessitam do bilingüismo. Para se comunicar com membros de outras tribos, muitos indivíduos têm que aprender outra língua. Com isso, a comunicação intertribos é comum, pois as tribos não são hostis e a cultura da região é homogênea.

Talvez o fator mais forte que conduz ao multilingüismo seja a regra que impede casamentos entre pessoas que têm a mesma língua mãe, e que são, assim, da mesma tribo. Esses indígenas consideram os casamentos dentro do mesmo grupo lingüístico como incestuoso. Dessa maneira, ao cortejar a noiva, o homem deve adquirir a língua da tribo dela. Uma vez que o casamento ocorre, a noiva vai para a tribo de seu marido e aprende a língua dele. Os filhos desse casamento começam aprendendo a língua da mãe, mas logo também aprendem a língua da tribo de seu pai.

É importante ressaltar que casos como esse são relevantes na medida em que apontam para o fato de que o bilingüismo institucionalizado não configura necessariamente uma profunda divisão social e conflitos, uma medo expresso por muitos críticos do bilingüismo.

Outro mito existente é o de que o bilingüismo seria a causa do desempenho pobre na escola, ou que algum fator como esse poderia contribuir para o fracasso na escola das crianças provenientes de uma minoria social.

Quanto a esse mito, Romaine (1995:286) relata que devido à falha da escola para uma educação bilíngüe, as habilidades lingüísticas são freqüentemente pobres. Ao mesmo tempo em que as crianças não progridem na utilização da nova língua, ainda são consideradas semilíngües. Assim, a falha da escola para permitir que a criança desenvolva a sua língua materna é utilizada para legitimar a opressão. É impossível especificar que competências um “completo” monolíngüe deveria ter e, igualmente, é impossível especificar que habilidades um bilíngüe “completo” deveria apresentar. A noção de um bilingüismo balanceado é ideal. Conseqüentemente, a competência de um indivíduo nas diferentes línguas simplesmente reflete a distribuição desigual.

Outro fator relevante com relação ao bilingüismo é que, devido a preconceitos sociais durante muitos anos e até mesmo atualmente por alguns países, como pode-se observar acima, o bilingüismo chegou a ser discutido em termos de maior ou menor quociente de inteligência por parte dos falantes. Hakuta (1986: 15) afirma que desde a virada do século, psicólogos e pesquisadores têm utilizado a performance dos bilíngües como medida de indicação se o bilingüismo configura um aspecto negativo ou positivo para os falantes.

Dentro dessa perspectiva, centenas de estudos que comparam a performance dos bilíngües com relação à dos monolíngües, em várias medidas de inteligência, revelam que a pesquisa, na primeira metade deste século, foi guiada pela questão da possibilidade de o bilingüismo ter um efeito negativo para a inteligência, enquanto que estudos recentes têm se preocupado em analisar se há a ocorrência de efeitos positivos.

Entretanto, de acordo com Hakuta (1986: 18), essas tentativas de análise das capacidades ligadas à inteligência foram realizadas na área das características físicas como capacidade pulmonar, acuidade auditiva, sem demonstrar conexão com a capacidade mental.

Nesse sentido, a questão da relação entre o bilingüismo e a inteligência deve ser analisada no contexto de abordagens conflitantes. Para os hereditários¹, o bilingüismo era irrelevante para o principal foco de estudo. Ansiosos por demonstrar que a inteligência era baseada na hereditariedade eles não eram os únicos a argumentar que a performance pobre nos testes de inteligência era reflexo da deficiência lingüística. Assim, consideravam o bilingüismo como uma causa do baixo nível de inteligência.

Adepta dessa teoria é Goodenough (1926 apud Hakuta 1986:27) que resumiu dados persistindo na questão da língua estrangeira utilizada em casa pelos imigrantes de diferentes nacionalidades. Ela demonstrou uma relação negativa entre o uso da língua estrangeira e a média de QI dos grupos analisados.

Nesse contexto, Hakuta (1986: 28) afirma que a partir de testes com bilíngües relacionados à inteligência verbal, e quanto ao fato de os bilíngües demonstrarem performance inferior, é possível concluir que, como acreditam os hereditários, os bilíngües são geneticamente inferiores ou então que o bilingüismo causa algum tipo de confusão mental, resultando no baixo desenvolvimento das habilidades verbais.

Yoshioka (1929 apud Hakuta 1986:30), avançou na interpretação de que a experiência do bilingüismo apresenta conseqüências negativas para o desenvolvimento intelectual. Ele conduziu um estudo de crianças japonesas e americanas para as quais ele administrava as versões inglesas e japonesas do *National Intelligence Test*. Sua conclusão foi a de que o bilingüismo das crianças submetidas ao teste é uma dificuldade e destituído de vantagem aparente, pois o bilingüismo parece requerer um certo grau de maturidade mental para que se obtenha sucesso.

Para Hakuta (1986:32) a história da pesquisa com relação ao bilingüismo e inteligência nos Estados Unidos é complicada. A pesquisa inicial se preocupou com os novos imigrantes, que obtiveram baixo rendimento nos testes de inteligência. Os

¹ O termo hereditários se refere aos lingüistas partidários da teoria da hereditariedade. Segundo essa teoria, afirma-se que a inteligência era herdada, portanto, se os bilíngües apresentavam menor desempenho nos testes de inteligência, isso ocorria devido ao fato de que o bilíngüe era considerado geneticamente inferior.

hereditários argumentaram que esse baixo rendimento era reflexo de uma ação genética inferior, não devido a uma deficiência lingüística durante os testes.

Com a evidência de que os bilíngües estavam apresentando uma deficiência, os hereditários interpretaram essa deficiência como um resultado de inteligência inferior inata. Por outro lado, psicólogos consideraram a deficiência lingüística dos bilíngües como resultado de experiência, especificamente da experiência de ser exposto a duas línguas. Nesse caso, o conceito de déficit lingüístico, construído como uma variável ligada aos testes de fala, se tornou um traço da mente do indivíduo bilíngüe, se for baseado na experiência ou na qualidade genética.

Contudo, embora haja muitos países que apresentam uma visão negativa com relação ao bilingüismo, e muitos pesquisadores tenham buscado demonstrar, por meio de testes de inteligência, que o bilingüismo seria uma deficiência ou reflexo de uma ação genética inferior, as pesquisas atuais demonstram o oposto das considerações citadas acima.

Conforme Hakuta (1986: 33), no Canadá um diferente cenário de eventos sociológicos cerca o estudo relacionado ao bilingüismo, particularmente na área de Montreal. Por volta de 1960, estava se tornando claro que com a elevação no status político da língua francesa (confirmado pelo Ato de 1968-69, que garantiu igual status para o inglês e francês no nível do governo federal), o bilingüismo era a meta do futuro e essencial para o poder político.

Com isso, a sociedade também começou a ver o bilingüismo como algo positivo e como um meio de integração social, de modo que os pais, principalmente os pertencentes à classe média, estavam começando a se interessar em fazer de seus filhos cidadãos bilíngües. Mas ainda havia também preocupação, em grande parte devido à pesquisa americana, quanto ao fato de que o bilingüismo poderia ter efeitos prejudiciais no desenvolvimento intelectual das crianças.

Jim Cummins (1976 apud Hakuta 1986:42) argumenta que o bilingüismo subtrativo (em que a segunda língua substitui a primeira língua) resulta em efeitos negativos, enquanto que o bilingüismo aditivo resulta em efeitos positivos.

Entretanto, uma análise estatística, posteriormente demonstrou que os bilíngües eram superiores aos monolíngües com relação à formação e em tarefas que exigiam uma certa flexibilidade mental ou simbólica. Assim, se originou a reivindicação de que os bilíngües possuem uma certa vantagem na “flexibilidade cognitiva” com relação aos monolíngües.

Demonstrando novamente o papel da sociedade nesse contexto, Hakuta (1986: 42) afirma que quando os bilíngües apresentam um bilingüismo balanceado e são originários da classe média, efeitos positivos são encontrados. Com isso, pode-se observar que as definições de efeitos positivos ou negativos relacionados ao bilingüismo estão muito além da proficiência apresentada no uso de diferentes línguas, mas residem também em fatores de ordem social. Assim, o bilingüismo pode ser encontrado em uma grande variedade de contextos sociais, e em muitas sociedades assume significação social e política. As duas línguas, freqüentemente, assumem diferentes redes sociais e associam sistemas de valores, de modo que a escolha de uma língua pode simbolizar uma identificação individual com o sistema.

Um exemplo disso é o fato de que, nos Estados Unidos, por exemplo, o italiano era aceitável quando carregava alto prestígio social. Os vários dialetos não padrão utilizados por um grupo, em New Haven, foram vistos por esse grupo como sendo estigmatizado. O italiano era aceitável para a entrada em clubes sociais, os quais eram em grande parte americanos, mas somente se fosse o italiano padrão, não o dialeto local.

Nesse contexto, Leopold (s.d. apud Hakuta 1986:57), um lingüista que estudou detalhes no desenvolvimento de sua filha bilíngüe, não estava preocupado em demonstrar se o bilingüismo é uma deficiência ou uma vantagem. Para o autor, o bilingüismo é um fenômeno que emerge como resultado de diferentes circunstâncias sociais e familiares.

Vigotsky (1978 apud Hakuta 1986:78) também enfatizava o papel da sociedade e da tecnologia na formação da natureza humana. Ele considerava a língua como uma importante ferramenta, através da qual a sociedade transmite seus conhecimentos e valores. Por isso, quando há uma situação de bilingüismo, é importante que tanto o falante bilíngüe quanto a sociedade que o cerca demonstre atitudes positivas quanto ao falar bilíngüe.

Gardner e Lambert (1972 apud Hakuta 1986:158) observaram que os métodos diretos e indiretos de avaliar a atitude apresentaram resultados semelhantes. Além disso, eles notaram que os estudantes com maior orientação de integração, aqueles que estavam positivamente dispostos para aprender a outra língua, apresentavam melhor proficiência. Assim, a importância de uma atitude positiva para a língua alvo tem sido demonstrada em uma variedade de contextos de aprendizagem de língua estrangeira no Canadá e nos Estados Unidos.

Já em estudos realizados no Brasil, com relação ao uso funcional da língua materna, conforme Borstel (2006: 288), um grupo de estudantes da UFSC realizou uma pesquisa sociolinguística contrastiva em duas comunidades interlingüísticas, a de Pomerode, SC, cidade colonizada por imigrantes alemães da região da Pomerânia, Alemanha, e a de Rio dos Cedros, SC, cidade colonizada por imigrantes italianos da região de Trento, Itália. O objetivo era analisar as atitudes que os grupos manifestavam para com as suas respectivas línguas maternas e nacional, para poder determinar as diferenças no uso funcional de cada língua materna em cada comunidade. Os dados mostraram que, em Pomerode, o conhecimento do alemão era mais valorizado do que o conhecimento do italiano em Rio dos Cedros. Quanto ao uso funcional destas duas línguas de descendentes de imigrantes, demonstrou-se que o alemão, em Pomerode, dominava no ambiente familiar, e o português fora deste ambiente. Com relação aos italianos, o português estava numa situação dominante na maioria das situações comunicativas.

Esse fato demonstra que a história das línguas associa-se intimamente à história social do povo que a fala. Dessa forma, o uso de uma ou mais línguas em determinada

comunidade depende das relações sociais desse povo, tanto com sua língua materna, quanto com relação à língua do país no qual está inserido. Em outras palavras, a manutenção ou o abandono de uma língua está diretamente relacionado à atitude do grupo e da sociedade para com suas respectivas línguas. Um exemplo disso é o caso, vivenciado por imigrantes no Brasil, da fase de proibição nacional às manifestações e ao ensino de línguas estrangeiras. Com isso, muitos além de terem receio de utilizar sua língua materna, ainda procuravam não transmiti-la aos seus descendentes, ocasionando uma situação de diglossia. Tais atitudes aceleram, certamente, a substituição da língua étnica pela língua majoritária.

Os interacionistas², por sua vez, definem o uso de duas línguas como um fenômeno multidimensional, que sofre a influência de variáveis sociais, políticas, econômicas, históricas, culturais e da história pessoal dos usuários de línguas (Franco, 1990:16 apud Ogliari 2006: 304).

Diante disso, Ogliari (2006: 318), afirma que as condições de resistência e vitalidade das línguas minoritárias dependem muito do comportamento lingüístico do meio social e familiar em que a criança se situa desde o nascimento, pois, do mesmo modo que um país escolhe as línguas que serão faladas, ensinadas ou oficializadas em seu território, uma família faz direta ou indiretamente decisões desse tipo. E, ao decidirem sobre que língua usar nos domínios internos, esse fator extralingüístico passa a atuar junto com outros fatores, por vezes mais fortes do que esse, fazendo com que línguas minoritárias sobrevivam por um longo período em um ambiente totalmente adverso a elas.

Do contato lingüístico surge o bilingüismo em diferentes graus de competência, dependendo das funções de cada língua na vida do falante, influenciadas pelas atitudes lingüísticas da comunidade e por políticas lingüísticas ditadas pela sociedade receptora, especialmente na área educacional. A atuação dessas políticas pode levar a mudança no uso

² O termo interacionistas se refere aos lingüistas partidários da teoria da Interação. Conforme esta teoria afirma-se que tudo é construído no meio, ou seja, na interação social da situação na qual as pessoas estão inseridas. Portanto, dentro desse ponto de vista, o desempenho do falante bilíngüe está relacionado ao meio e não a uma herança genética.

e funções das línguas em contato, levando seus falantes a diferentes graus de bilingüidade e mesmo à eliminação de uma das línguas, com a volta da população ao monolingüismo.

Outro fator importante quanto ao bilingüismo diz respeito à ocorrência do *codeswitching*, que também tem sido alvo de críticas por parte de alguns segmentos da sociedade. O *codeswitching* é o termo utilizado para identificar alternâncias de variedades lingüísticas dentro da mesma conversa.

De acordo com Gumperz (1982 apud Romaine 1995:121) o *codeswitching* é a justaposição, dentro do mesmo diálogo, de dois diferentes sistemas gramaticais ou subsistemas. Em um diálogo em que ocorrem as trocas de código, os itens em questão fazem parte do mesmo ato de fala. Eles são agrupados prosodicamente, bem como por relações semânticas e sintáticas equivalentes, de modo que unem a passagem em um único ato de fala.

Conforme Scotton (1993: 1), ao contrário de algumas crenças populares, tais conversas não constituem um estágio de transição na passagem do domínio de uma língua para outra. É fato que muitos imigrantes que estão em processo de mudança lingüística utilizam o *codeswitching*, mas essa forma de diálogo é também parte da vida diária de muitas populações bilíngües estáveis.

Assim, o uso alternado de diferentes línguas não indica falta de competência por parte do falante, mas resultado de habilidades bilíngües complexas. As razões pelas quais os indivíduos alternam seus códigos são muito variadas e englobam fatores sociológicos, psicológicos e gramaticais. (Milroy & Muysken 1995)

Além disso, o *codeswitching* não é um veículo dos grupos sociais às margens da sociedade; por exemplo, em muitos países, pessoas bem sucedidas nos negócios e profissionais que têm uma língua familiar diferente da língua dominante na sociedade, freqüentemente se engajam no *codeswitching* (entre essas duas línguas) com amigos e sócios que compartilham o mesmo repertório lingüístico.

As extensões do *codeswitching* podem ser *intersentencial* ou *intra-sentencial*. O *codeswitching intersentencial* envolve a variação de uma língua para outra entre as frases. Já no *codeswitching intrasentencial* a variação ocorre dentro da mesma frase. Em outras palavras, de acordo com Dabène & Moore (1995 apud Mozzillo 2001), o *intra-sentencial* ocorre quando, dentro de uma mesma sentença, o falante realiza a alternância entre dois sistemas de que dispõe fazendo inserções, tanto sob a forma unitária (apenas um elemento da frase é afetado), quanto sob a forma segmental (segmentos de uma língua se alternam com partes da outra dentro da mesma frase deixando ambas inalteradas). O caso mais freqüente é da inserção no discurso de palavra de outra língua. Tal inserção pode ocorrer com perfeita adaptação à estrutura e à pronúncia da língua na qual se desenrola a conversação, porém, contrariamente, o item ou o segmento podem não sofrer nenhuma espécie de adaptação à língua de base sendo pronunciados exatamente como no original.

O *intersentencial* acontece no momento em que as línguas se alternam de uma sentença a outra. Tal alternância não ocorre dentro do mesmo turno da conversação mas em turnos próximos e dentro do mesmo tópico de conversação, o que significa que uma sentença é produzida em uma língua e a seguinte, correspondente ao próximo turno do mesmo falante, na outra.

O *codeswitching entre enunciados* implica alternar para a outra língua após um período bastante longo de uso da primeira. Ocorre no curso de um mesmo diálogo, quando a primeira frase pronunciada na língua de base da interação encontra-se relativamente distante da primeira frase pronunciada no sistema alternativo.

A visão dominante com relação ao *codeswitching* era a de que ele constituía um fenômeno de interferência, ou seja, era considerado parte de uma performance do bilíngüe imperfeito, motivado pela falta de habilidade de dar seguimento à conversa na língua utilizada no momento.

Propondo outro ponto de vista, Scotton (1993:50) acredita que o *codeswitching* não é uma “performance errada”, causada pela falta de habilidade no uso das línguas; os falantes são, obviamente, fluentes em ambos os códigos que utilizam. Além disso, o *codeswitching* não parece ser uma alternância sem princípios ou baseada em um capricho dos falantes.

Conseqüentemente, os falantes apresentam um senso de marcação³. Considerando disponíveis os códigos lingüísticos para qualquer interação, escolhem seus códigos baseados em si mesmos e/ou em relação aos outros. Essa marcação tem uma base normativa dentro da comunidade e os falantes têm conhecimento das conseqüências de utilizarem escolhas marcadas ou inesperadas. Como as escolhas não marcadas⁴ são mais seguras, os falantes geralmente fazem essas escolhas, mas nem sempre. Os falantes acessam os custos potenciais e recompensas de todas as alternativas, e tomam suas decisões, tipicamente inconscientemente (Scotton 1993:75).

Bloom e Gumperz (1972, apud Scotton 1993: 94), afirmam que as escolhas lingüísticas podem ser estratégias pessoais. Outros também consideram fatores dinâmicos como motivadores das escolhas lingüísticas, como por exemplo: solidariedade emocional, simpatia e antipatia entre os falantes.

Mozzillo (2001) afirma que em se tratando de conversação ocorrida entre sujeitos bilíngües, vários fatores podem contribuir para a escolha de uma das línguas em detrimento da outra também partilhada pelo interlocutor no momento da comunicação. A combinação de elementos tais como participantes, situação, conteúdo do discurso e função da interação é o que determina a língua de base nas comunicações entre bilíngües.

A *proficiência lingüística* tanto do falante como de seu interlocutor são levadas em conta no momento da opção por um ou outro código, já que as limitações lingüísticas impedem, de alguma maneira, a efetiva comunicação.

³ Escolhas marcadas são aquelas que não são usuais, são os elementos saliente e, portanto, não são esperadas.

⁴ O termo “não marcado” é usado para mostrar que a escolha de uma variedade lingüística em particular é esperada durante a conversa, ou seja, é algo natural.

A *preferência* por uma ou outra língua, assim como a *história da interação* lingüística entre dois participantes é fator primordial no que diz respeito à escolha dos códigos. Geralmente, há um acordo sobre qual será a língua principal de comunicação e violações a essa regra produzem sentimentos de desconforto.

A *idade* tanto do locutor quanto do interlocutor desempenha importante papel no momento de decidir qual língua empregar em determinada situação. Exemplo disso são as comunidades diglósicas nas quais os jovens se comunicam entre si na língua mais recente mas no momento de fazê-lo com os mais velhos utilizam o idioma original.

O *status sócio-econômico* – real ou aparente – do interlocutor determina, na maior parte das vezes, a língua a ser empregada nos casos em que os idiomas passíveis de serem escolhidos estejam relacionados hierarquicamente.

A língua utilizada dependerá em grande parte do *grau de intimidade* existente entre os participantes. Com pessoas próximas poderá ser usada uma língua e com estranhos ou meros conhecidos, outra.

A *pressão externa* exerce grande poder no que diz respeito à escolha do sistema lingüístico a ser empregado com certos interlocutores. Havendo necessidade de transmitir uma dada língua às crianças, por exemplo, os pais podem se sentir forçados a lhes falar apenas nessa língua.

Do mesmo modo, conforme a *atitude* em relação a uma língua e ao grupo que a utiliza, o falante quererá empregá-la ou não.

Para Rubin (1968 apud Mozzillo 2001), a variável mais importante no que se refere a prever qual a língua a ser empregada com um interlocutor também bilíngüe é a *localização da interação*, o ambiente. As mesmas pessoas passam a falar a outra língua no momento em que saem do campo e chegam à cidade, por exemplo.

A *formalidade da situação* contribui também para a determinação do idioma empregado. Se, no momento da interação, o interlocutor está desempenhando alguma função considerada importante, a língua escolhida será, provavelmente, a que detém maior prestígio social.

Importante fator na escolha da língua a ser falada com alguém é a *presença de um monolíngüe*. O desejo ou a necessidade de incluir na conversa a pessoa que não compreende um dos idiomas dos bilíngües constitui motivação fundamental para decidir qual o sistema a ser empregado.

O *conteúdo do discurso* desempenha papel fundamental quando se deve optar por um idioma. Geralmente, existem assuntos que são mais bem tratados em uma língua do que na outra, tanto porque o falante aprendeu a falar sobre os mesmos assuntos em uma língua definida, como porque não seria considerado apropriado tratá-los na outra. (Grosjean 1982 apud Mozzillo 2001)

Ainda, de acordo com Scotton (1993:106), dois diferentes estudos experimentais indicam que os falantes estão, na verdade, fazendo escolhas com objetivos sociais na mente, seja para redefinir relações ou buscar interação social.

Certas condições devem ser conhecidas para o *codeswitching* não marcado. Primeiramente, os falantes devem ser bilíngües semelhantes; tais trocas não ocorrem quando há um diferencial sócio-econômico entre os falantes ou quando eles são estranhos. A interação deve ser do tipo em que os falantes desejam simbolizar sociedades duais que participam do *codeswitching*. Além disso, a proficiência nas línguas utilizadas na troca não é uma condição suficiente; talvez o critério mais importante é o fato de os falantes apresentarem uma avaliação positiva de suas próprias identidades nesse tipo de interação.

Entretanto, Scotton (1993:137) demonstra outro fato interessante quando ao uso do *codeswitching* nas relações sociais. Segundo a autora, dependendo do caráter

sociolinguístico da comunidade, pessoas pertencentes a grupos com menor poder podem utilizar o *codeswitching* como forma de exclusão. Assim, mudando para sua língua materna, os membros de grupos minoritários ganham interação e com isso demonstram que têm habilidade para excluir os outros.

Em outras palavras, a premissa existente é de que os locutores e interlocutores têm conhecimento (como parte de sua competência comunicativa) de que a escolha de uma variedade linguística, em detrimento de outra, expressa relevância social. Essa premissa é parte do princípio de negociação, que considera a escolha dos códigos como negociações de identidade. O que os participantes da conversa fazem é negociar uma identidade particular para o falante em relação aos outros participantes do ato de conversação.

Romaine (1995: 290) aponta para o fato de que se é verdade que os estilos de *codeswitching* servem como importantes funções comunicativas, então deveria haver algumas regularidades e julgamentos compartilhados entre os membros da comunidade, considerando como o *codeswitching* é interpretado, e como os falantes são categorizados na base de seu comportamento linguístico. Entretanto, há dificuldades em tentar demonstrar as reações para aspectos específicos do comportamento bilíngüe, como no *codeswitching*, por exemplo.

Isso ocorre porque os bilíngües, freqüentemente, encontram dificuldades para lembrar que língua foi utilizada em um diálogo em particular. Em outras palavras, há um número de problemas gerais na tentativa de elucidar as atitudes relativas às variedades linguísticas ou ao comportamento bilíngüe, uma vez que, as pessoas encontram dificuldades, por várias razões, para relatar seu próprio uso das diferentes línguas da maneira que são significativas para os lingüistas.

Assim, a seleção de uma ou outra língua ocorre de maneira automática, natural. Mas isso não significa que o *codeswitching* não seja objeto de avaliação consciente. Na verdade,

na maioria das comunidades em que o assunto tem sido estudado, algum tipo de estigma social tem sido relacionado ao modo de falar da comunidade.

Em adição, Gumperz (1982 apud Romaine 1995: 292) informa uma gama de diferentes atitudes com relação ao *codeswitching*. Alguns o caracterizam como uma forma extrema de misturas atribuíveis à falta de educação, ou controle impróprio das duas línguas. Por outro lado, outros consideram o *codeswitching* como uma legítima forma de fala informal. Algumas comunidades não têm prontamente disponíveis termos para descrever as trocas lingüísticas como outras o fazem. Estas, freqüentemente, revelam as relações estereotipadas dos membros da comunidade.

Todavia, embora seja possível perceber tantos pontos de vista negativos relativos à ocorrência do *codeswitching*, Romaine (1995:120) afirma que o *codeswitching* é extremamente natural e freqüente como parte de um comportamento bilíngüe durante a interação conversacional. Em outras palavras, esse tipo de comportamento pode e rotineiramente ocorre em ambas as comunidades, tanto bilíngües quanto monolíngües.

Em muitos casos o bilingüismo é visto negativamente e com suspeita. Membros de comunidades bilíngües, freqüentemente, compartilham atitudes negativas geradas pelos monolíngües. O ponto em que os pais desencorajam suas crianças de continuar utilizando sua língua materna, ocorre quando esta é diferente daquela utilizada na sociedade como um todo.

É importante ressaltar que um dos mais bem conhecidos paradigmas experimentais utilizados na obtenção de avaliações para a língua falada, é o chamado *Matched Guise Test*. Foi o primeiro teste utilizado por Lambert (1960), que analisava bilíngües ingleses e franceses que eram submetidos à leitura de um texto falado em francês e em inglês. Após essa etapa, ele mostrava as fitas para falantes ingleses e franceses e pedia a eles que avaliassem a personalidade do falante em termos de uma semântica diferencial, com julgamentos tais como: bom/ruim, amigável/não amigável, educado/não educado, entre outros. O que os julgadores não sabiam, entretanto, era que eles estavam avaliando a

mesma pessoa duas vezes, uma quando a pessoa falava em francês, e a segunda quando falava em inglês.

O interessante, nesse caso, é que as reações para as mesmas pessoas diferiam dependendo da língua utilizada. O falante inglês julgava avaliações mais favoráveis à leitura em inglês, em muitos traços, enquanto o francês recebia avaliações menos favoráveis.

Assim, a mesma pessoa era considerada menos amigável, menos inteligente, menos bem educada quando falava em francês do que quando falava em inglês. Isso se tornou comum em pesquisas desse tipo, ou seja, a minoria aceita o estigma, preso à sua forma de falar, pela maioria social dominante (Romaine 1995:289).

Conseqüentemente, o exemplo acima citado ilustra perfeitamente que, como já foi mencionado anteriormente, e como se pode notar cada vez mais, a questão de preconceito ou o ponto de vista negativo quanto ao bilingüismo passa tranquilamente da utilização das diferentes línguas para uma questão social. Com isso, línguas e características que recebem uma avaliação menos favorável são aquelas pertencentes aos falantes que são socialmente estigmatizados. O uso da língua se torna um símbolo de uma identidade social estigmatizada.

É fato que em muitas sociedades multilíngües a força diferencial dos grupos sociais é refletida na variação lingüística e nas atitudes para com essas variabilidades. O estudo das atitudes lingüísticas é importante porque as atitudes representam um índice das relações intergrupos e elas representam um importante papel em mediá-las e determiná-las. Em casos em que um crescente suporte institucional é dado às línguas de menos prestígio, por exemplo, através da educação bilíngüe, mais atitudes positivas começam a ser expressas.

Entretanto, conforme Macnamara (1973 apud Roamine 1995:43), a identificação com a língua e atitudes positivas não garantem sua manutenção. Assim tem sido na Irlanda, onde a necessidade do uso da língua inglesa tem dominado a antipatia pelos ingleses. A

adoção do inglês pelos irlandeses é um caso de mudança de língua não acompanhado por atitudes favoráveis com relação ao inglês.

Em instâncias como essa, uma orientação instrumental é mais importante que a integrativa na determinação da escolha dos falantes. A distinção entre atitudes integrativas e instrumentais tem sido discutida como um importante fator para o sucesso na aprendizagem de uma segunda língua.

Pesquisas relacionadas à atitude indicam que mais atenção deve ser destinada a essa dimensão, pois, em certos contextos em que o bilingüismo não é valorizado pela sociedade como um todo, os bilíngües podem apresentar dificuldades na definição de sua identidade.

Para Romaine (1995:315), no caso dos imigrantes, em particular, o sentimento de não pertencer inteiramente a nenhuma das culturas, cujas línguas eles falam, pode ser algo perturbador. O termo “anomia” (perda da capacidade de nomear objetos) tem sido utilizado para descrever a sensação de falta de raízes e desorientação sentida por alguns imigrantes, devido ao fato de eles perderem os laços com seu país de origem e não se sentirem completamente em casa em seu novo país de residência.

Outro fator de extrema importância para o sucesso na aquisição de uma nova língua é a motivação do falante quanto à aprendizagem do novo sistema. Gardner e Lambert (apud Romaine 1995: 314), argumentam que a motivação constitui um fator chave na determinação do grau de sucesso relativo na aquisição de uma língua estrangeira; muitos pesquisadores acreditam que a inteligência e a aptidão seriam fatores primários. Os autores citados acima acreditam que quando o falante quer aprender uma língua por razões integrativas, por exemplo, quando querem interagir com os falantes da língua alvo e compartilhar sua cultura, eles são mais bem sucedidos do que quando seus motivos são meramente instrumentais.

Dessa maneira, é possível observar que muitas são as concepções e sentimentos relativos ao falar bilíngüe, tanto do ponto de vista do próprio bilíngüe, como da sociedade e

do meio em que o falante está inserido. Os psicólogos, por exemplo, têm investigado os efeitos do bilingüismo no processo mental, enquanto sociólogos têm tratado o bilingüismo como um elemento de conflito cultural e têm olhado para as conseqüências da heterogeneidade lingüística como um fenômeno social. Já os educadores têm se preocupado com o bilingüismo em conexão com a política pública. Questões básicas sobre a relação entre bilingüismo e inteligência, se certos tipos de bilingüismo são bons ou prejudiciais, e as circunstâncias das quais ele surge, também se encontram no âmbito da educação.

Contudo, de acordo com Adler (1977 apud Romaine 1995:23), não é possível fazer uma separação clara entre bilingüismo como um fenômeno social e individual, particularmente no tratamento de certos aspectos do comportamento bilíngüe, como empréstimos e interferência. A conexão entre o bilingüismo individual e social se torna evidente quando se consideram algumas das razões por que certos indivíduos são ou se tornam bilíngües. Geralmente, os grupos que detêm mais poder na sociedade são capazes de impor sua língua para aqueles que detêm menos poder social.

Segundo Skutnabb – Kangas (1984 apud Romaine 1995:25) há diferentes circunstâncias sociais para a criança se tornar bilíngüe. Ele divide essas circunstâncias em quatro grupos: bilíngües pertencentes à elite social, crianças oriundas das maiorias lingüísticas, crianças de famílias bilíngües e crianças das minorias lingüísticas. Os bilíngües da elite, em muitos casos, podem escolher entre ser bilíngüe ou evitar isso, há menos pressão interna ou externa para esses indivíduos se tornarem bilíngües. No caso das crianças provenientes das maiorias lingüísticas, estas não têm escolha por diferentes razões. Uma delas é que as línguas que a pessoa aprende na escola e nas quais é educada são determinadas por políticas dos governos individuais, por exemplo, em Papua Nova Guiné, quase todas as crianças serão educadas em inglês porque essa língua constitui um legado da herança colonial do país.

O caso das crianças vindas de famílias bilíngües é semelhante ao caso do bilingüismo da elite em muitas instâncias. Nas famílias em que os pais falam diferentes línguas, mas vivem em uma sociedade monolíngüe, as crianças podem aprender ambas as

línguas. Com isso, a criança passa pela pressão de adquirir a língua dominante na sociedade, se esta é diferente da língua dos pais. Por fim, no caso das minorias lingüísticas, as crianças sofrem fortes pressões externas para aprenderem a língua da sociedade, e podem também, por outro lado, ser pressionadas pela família para manter a língua materna.

Buscando demonstrar, através de dados empíricos, a maneira como o bilíngüe considera seu bilingüismo e as relações sociais relativas a este processo, foi realizado um estudo, cuja metodologia empregada utiliza um instrumento de coleta de dados formado de um questionário lexical, tematicamente motivado. O questionário é constituído de dez questões, as quais foram realizadas oralmente e coube ao entrevistador anotar as respostas coletadas.

As questões constituintes da pesquisa realizada serão dispostas abaixo conforme a ordem utilizada durante as entrevistas e os entrevistados serão referenciados através das iniciais de seus nomes, de modo a preservar a identidade dos colaboradores.

A pesquisa constituiu-se de um total de oito entrevistados, residentes na cidade de Pelotas – RS, dispostos da seguinte maneira:

Um falante de inglês, nativo, iniciais M.R., 78 anos, do lar;

Um falante de espanhol, nativo, iniciais G. M., 28 anos, estudante de administração;

Um falante de alemão, nativo, iniciais A. B., 21 anos, estudante de veterinária;

Um falante de italiano, nativo, iniciais A. F., 70 anos, comerciante aposentada;

Um falante de inglês, não nativo, iniciais E. T., 26 anos, professora de biologia;

Um falante de espanhol, não nativo, iniciais L.F., 34 anos, professora de português;

Um falante de francês, não nativo, iniciais M.A., 39 anos, professora de francês;

Um falante de italiano, não nativo, iniciais M. O., 28 anos, estudante de psicologia.

QUESTÃO 1: QUE IDIOMAS VOCÊ FALA?

M.R.: Eu falo espanhol, inglês e português.

G.M.: Português e espanhol.

A.B.: Português, alemão e inglês.

A.F.: Português e italiano.

E.T.: Português e inglês.

L.F.: Português, inglês e espanhol.

M.A.: Português e francês.

M.O.: Português e Italiano.

QUESTÃO 2: DESDE QUANDO VOCÊ FALA DUAS LÍNGUAS?

M.R.: Inglês é minha língua nativa, nasci na Argentina, mas meus pais falavam somente em inglês. Falo português há trinta e dois anos, mas não sei escrever em português.

G.M.: Desde os cinco, seis anos até hoje.

A. B.: Falo alemão desde que nasci, aprendi português na escola e quanto ao inglês, ainda estou em fase de aprendizado.

A.F.: Italiano desde criança, aprendi português na adolescência, na escola, com meu avô e amigos.

E.T.: Aprendi inglês na escola, mas me aperfeiçoei em curso de línguas, na adolescência.

L.F.: Português, desde criança, espanhol desde 1994 na faculdade e inglês desde 2003, em cursinho.

M.A.: Desde 1993, aproximadamente.

M.O.: Português é a minha língua materna e fiz um curso de Italiano em 2003.

QUESTÃO 3: EM QUE SITUAÇÃO VOCÊ APRENDEU DUAS LÍNGUAS?

M.R.: Inglês em casa, espanhol na rua e português na cozinha com a empregada.

G.M.: Espanhol em casa, o meu pai só falava espanhol e a minha mãe português, também aprendi português na escola e através da televisão.

A. B.: Aprendi alemão em casa com meus familiares, e português só quando entrei na escola.

A.F.: Meus pais só falavam italiano, aprendi português com meus irmãos, que traziam as namoradas brasileiras para casa. Nós, mulheres, não podíamos sair, então a gente demorava mais para aprender, a gente era muito pobre, nem tínhamos roupas boas pra sair.

E.T.: No cursinho de inglês.

L.F.: Na faculdade e curso particular.

M.A.: Minha mãe fazia Aliança Francesa e eu, desde os sete anos, tive curiosidade pela língua e pedia que ela me ensinasse. Aos doze anos fiz um cursinho oferecido pela minha escola, este durou pouco tempo. Aos dezessete anos entrei na faculdade e apesar de ter abandonado o curso, nunca me desliguei da língua. No ano de 1993, voltei e fui até o quinto semestre. Em 2000, finalmente retornei ao curso, integralmente, e me formei no ano de 2004.

M.O.: Cursinho particular.

QUESTÃO 4: QUAL A RELAÇÃO QUE AS DUAS LÍNGUAS TEM PRA VOCÊ?

M.R.: O inglês é mais importante pra mim, em segundo fica o português e terceiro é o espanhol. O inglês é mais importante porque eu falo em inglês sozinha, penso, sonho, leio em inglês e é a tradição da minha família.

G.M.: O espanhol é importante pelas raízes do meu pai, pelo conhecimento, quero passar para meus filhos. E é importante pra vida e trabalho.

A. B.: O português serve pra trabalhar e para usar na minha comunidade, o alemão é um diferencial e inglês é uma necessidade. O alemão não tem tanta utilidade, eu acho importante manter a língua, caracteriza a descendência. Meus pais só falam alemão em casa.

A.F.: Hoje prefiro português porque quase nem uso italiano, mas pra mim o italiano é muito importante, é a língua da nossa terra natal, meus pais eram muito patriotas, vieram com cinco anos para o Brasil, meu avô veio com trinta e sete.

E.T.: O inglês é fundamental para o meio profissional. O português é minha língua materna.

L.F.: Inglês é importante para a tentativa na prova de proficiência do mestrado, o espanhol foi motivado pela moradia na região da fronteira (Santa Vitória). Acho as línguas importantes, gostaria de aprender Italiano.

M.A.: As duas línguas estão intrinsecamente ligadas, seja por semelhança sintática, seja por possuírem radicais latinos semelhantes. Muitas vezes faço uso do português no ensino do francês, sempre que possível.

M.O.: O português é essencial, já que moro no Brasil, e o italiano é uma língua que eu gosto e admiro muito, tenho parentes de origem Italiana.

QUESTÃO 5: O QUE É SER BILÍNGÜE NA SUA CONCEPÇÃO?

M.R.: É alguém que fala duas línguas e tem as quatro habilidades desenvolvidas.

G.M.: Dominar bem duas línguas, tanto na escrita, quanto na fala.

A. B.: Falar fluentemente duas ou mais línguas.

A.F.: Não sei.

E.T.: Uma pessoa que fala mais de uma língua.

L.F.: Aquele que desenvolveu as quatro habilidades em ambas as línguas com clareza e bom desempenho.

M.A.: É exercer esta segunda língua de maneira dinâmica e comunicativa, tendo conhecimento de expressões e gírias. É alguém que está inserido direta e completamente na cultura e na língua falada da segunda língua.

M.O.: É alguém que sabe falar perfeitamente duas ou mais línguas.

QUESTÃO 6: VOCÊ SE CONSIDERA UMA PESSOA BILÍNGÜE?

M.R.: Sim, por causa do inglês e do espanhol. No português não porque meu português não é perfeito para formar frases e também porque não sei escrever em português.

G.M.: Sim, não tenho dificuldade em nenhuma das línguas.

A.B.: Com relação ao alemão sim, mas sinto necessidade de saber mais. No inglês não sou apta a conversar muito.

A.F.: Não sei o que é ser bilíngüe.

E.T.: Não, porque embora saiba inglês, não pratico muito.

L.F.: Não, eu sei muito pouco, para ser bilíngüe precisa muito mais do que saber alguma coisa das línguas.

M.A.: Não, eu não estou inserida na cultura da língua como costumes, gírias, etc. Sou apenas alguém que reproduz frases prontas.

M.O.: Não porque eu fiz apenas dois semestres no meu curso, então sei falar muito pouco.

QUESTÃO 7: VOCÊ ACREDITA QUE ALGUÉM QUE APRENDEU UMA SEGUNDA LÍNGUA APÓS A INFÂNCIA PODE SER CLASSIFICADO COMO BILÍNGÜE?

M.R.: Não, a idade impede de aprender bem, um exemplo sou eu mesma, depois de trinta e dois anos eu ainda não falo bem português.

G.M.: Sim, se houver expressão e compreensão.

A.B.: Sim, desde que saiba falar bem.

A.F.: Pode sim, se a pessoa fizer aulas pode aprender a falar igual a alguém que aprendeu desde pequeno.

E.T.: Não, porque para ser bilíngüe a pessoa deve usar as duas línguas permanentemente, ou falar as duas desde que nasce.

L.F.: Pode, desde queira e goste das línguas, o adulto tem mais facilidade de aprender línguas.

M.A.: Se estiver exposto diretamente à cultura e a esta segunda língua, sim. Senão é um mero conhecedor e leitor desta segunda língua.

M.O.: Acho que sim, mas a pessoa tem que ficar sempre atualizada e em contato com as duas línguas.

QUESTÃO 8: VOCÊ JÁ SOFREU ALGUM TIPO DE PRECONCEITO POR SER UMA PESSOA BILÍNGÜE?

M.R.: Nunca.

G.M.: Já por misturar as línguas na escola, isso acontecia naturalmente porque sempre falava com minha mãe em português e com meu pai em espanhol.

A.B.: Não, porque quando eu era criança estudei numa escola que era em alemão, mas na adolescência os outros riam do sotaque.

A.F.: Já, as pessoas nos chamavam de italianos de 5ª coluna, que são os que eram pobres e vinham para trabalhar no Brasil.

E.T.: Não, nunca.

L.F.: Os alunos costumam fazer uso dos falsos cognatos para me intimidar.

M.A.: Talvez por ter escolhido o francês como segunda língua ao invés do inglês. Mas por ser bilíngüe de maneira alguma sofri qualquer preconceito.

M.O.: Não.

QUESTÃO 9: COMO VOCÊ ACHA QUE O BILINGÜISMO É VISTO PELA SOCIEDADE EM GERAL?

M.R.: Acho que considera uma coisa boa, já fui elogiada por isso, as pessoas acham importante.

G.M.: A sociedade não valoriza, nunca me favoreceu em nada, e quando há misturas entre as línguas, as pessoas ainda criticam.

A.B.: A sociedade discrimina quando a pessoa está fora da região. Depende da mente de cada um, a classe baixa não vê importância, mas pra mim é importante, é a minha origem, mas os professores acham legal.

A.F.: A maioria das pessoas gostava que a gente falasse Italiano, queriam aprender e achavam bonito. Era proibido, mas a gente falava em casa.

E.T.: Os leigos vão achar isso ruim, ou que a pessoa não sabe falar, mas os de classe mais alta vão considerar a pessoa inteligente e esforçada.

L.F.: A sociedade não valoriza, mas se for procurar um emprego valorizam que a pessoa saiba outra língua, embora não ganhe nada por isso.

M.A.: Extremamente positivo. Uma pessoa bilíngüe amplia seus horizontes, vocabulário, conhecimento e desenvolve seu raciocínio.

M.O.: Acho que a sociedade valoriza as pessoas bilíngües, para conseguir uma emprego, por exemplo, é mais fácil se a pessoa tiver domínio de outro idioma.

QUESTÃO 10: PARA VOCÊ O BILINGÜISMO É ALGO POSITIVO OU NEGATIVO? POR QUÊ?

M.R.: Positivo, quanto mais idiomas a pessoa sabe melhor, pode estar em contato com diversas pessoas e culturas.

G.M.: É necessário o uso do português, e o espanhol para a família, portanto é algo natural. Seria muito importante aprender inglês para o meu curso (Administração de Empresas) para ler livros.

A.B.:Positivo pelo fato de conhecer uma cultura diferente, gírias e o que está associado à fala.

A.F.: É positivo, a minha mãe dizia que a gente tinha que gostar mais do Brasil porque aqui estava o nosso futuro, nós nunca iríamos conhecer a Itália, mas eu tinha orgulho de ser italiana. Se pudesse aprenderia outras línguas.

E.T.: É positivo porque demonstra que a pessoa quer crescer, e sempre é bom falar mais de uma língua.

L.F.: Positivo porque todo o aprendizado é um enriquecimento, e nesse mundo globalizado é, até mesmo, necessário. O Brasil é muito influenciado pelos Estados Unidos.

M.A.: Extremamente positivo.

M.O.: É muito positivo porque eu gosto de aprender línguas e acredito que isso aumenta os conhecimentos e capacidades da pessoa.

É importante ressaltar que alguns dos entrevistados foram questionados quanto à ocorrência do *Codeswitching*. Quanto a esse aspecto, que faz parte principalmente dos enunciados realizados por falantes bilíngües nativos, mas também pode ocorrer com bilíngües desequilibrados desde que compartilhem os mesmos códigos, obteveram-se as seguintes respostas:

M.R.: Acontece naturalmente, quando conversava com meu marido a gente misturava português, espanhol e inglês. Mas isso é errado, não se deve misturar dois idiomas, ou fala um, ou fala outro. O espanhol atrapalha o português; só faço isso quando não me dou conta.

G.M. : Acontecia naturalmente em casa, meu pai falava espanhol e minha mãe português, então se alguém falava comigo em espanhol, eu respondia em espanhol; se falasse em português, eu falava em português. Na escola era ruim porque eu esquecia e falava em espanhol, todo mundo ria.

A.F. : Quando falava com meus irmãos, a gente falava um pouco italiano e um pouco português. Isso era normal, ninguém nunca reclamou disso, a gente se cuidava, mas tinha umas palavras que a gente não sabia em português.

L.F. : Acho isso normal, faz parte da vida de um bilíngüe, não é uma fase de transição para a aquisição de outra língua.

Baseado na pesquisa acima citada, é possível observar que, como já foi mencionado anteriormente, nosso país é constituído de uma realidade plurilíngüe, já que não houve dificuldade alguma em encontrar informantes, falantes nativos de diferentes línguas, os quais estão inseridos em nossa sociedade buscando interagir nela, mas sem abrir mão de suas raízes e tradições.

Além disso, pode-se afirmar que os informantes, na aquisição de uma segunda língua, ou aprenderam de forma natural, inseridos numa sociedade de falantes de outra língua, devido ao fato de serem originários de outros países, ou ainda por estarem em permanente contato com outra língua devido à criação. Outra possibilidade é o aprendizado de maneira artificial, constituindo o caso dos bilíngües desequilibrados⁵.

Outro fator relevante é que, durante as entrevistas, a maioria dos entrevistados não demonstrou a ocorrência de uma situação de diglossia, de modo que as pessoas, embora associem diferentes valores as línguas distintas, em nenhum momento demonstraram maior ou menor apreço por nenhuma delas, reconhecendo o valor e a funcionalidade de cada uma das línguas em sua vida. A não ser no caso da entrevistada falante de italiano nativa, esta acredita que os imigrantes italianos eram desprezados e chamados de italianos da 5ª coluna devido ao fato de pertencerem a uma classe social desprestigiada. Na verdade, os chamando italianos de 5ª coluna eram aqueles que pertenciam ao grupo nazista conta Mussolini.

Embora alguns entrevistados, devido à residência no Brasil, afirmem que não utilizam muito sua língua estrangeira, ou que esta não tem tanta utilidade no meio em que vivem, acredita-se que isso não chegue a constituir uma situação diglósica, pois nenhum dos entrevistados declarou preferência por um ou outro idioma, o que ocorreu foi casos de maior ou menor habilidade em uma ou outra língua.

Ainda, de acordo com a presente pesquisa, foi possível notar a ocorrência de um fato muito interessante. Na verdade os entrevistados, em geral, não têm uma noção clara do que realmente seja uma pessoa bilíngüe. Neste estudo procurou-se demonstrar que qualquer indivíduo que possua algum conhecimento de outro idioma já pode ser considerado bilíngüe, com um nível menor de proficiência, evidentemente. Desse modo, acredita-se que quase todo mundo seria bilíngüe, apenas em diferentes níveis.

⁵ A expressão “bilíngüe desequilibrado” diz respeito as pessoas que adquiriram uma segunda língua após a infância e, portanto, não têm a proficiência de um nativo em ambas as línguas.

Entretanto, para os informantes, bilíngüe é alguém que possui pleno domínio de dois ou mais idiomas, tendo um bom desempenho nas quatro habilidades (ler, ouvir, falar e escrever), estando também completamente inserido nas duas culturas, demonstrando conhecimentos de gírias e expressões características de cada idioma. Obviamente, o que constitui um falante bilíngüe não é a excelente performance nas quatro habilidades já que existem línguas que não possuem a forma escrita.

Com isso, pode-se observar que os informantes, em sua maioria, compartilham do ponto de vista de Bloomfield (1933:56), que caracteriza como bilíngüe o falante nativo de duas línguas.

Assim, os entrevistados, quando questionados sobre o fato de se considerarem pessoas bilíngües, apresentaram diferentes concepções. Aqueles que apresentam a proficiência de um nativo em ambas as línguas, se consideraram bilíngües, mas aqueles que aprenderam outra língua numa situação artificial declararam que não se consideram pessoas bilíngües, seja por apresentarem pouco contato com outra língua, por não terem alguma das quatro habilidades plenamente desenvolvidas, ou ainda por não estarem inseridos nas duas culturas.

Em adição, houve a possibilidade da constatação de que não ocorreu, em nenhum momento, preconceito por parte do bilíngüe equilibrado com relação ao bilíngüe desequilibrado, ou vice-versa, pois nenhum se considera superior aos demais. Ainda, alguns consideram que seja possível para qualquer pessoa aprender outra língua com o desempenho de um nativo. Apenas dois dos entrevistados afirmaram que a aquisição de um segundo idioma após a infância impede que o indivíduo tenha a proficiência de um nativo.

Entretanto, pode-se perceber que o preconceito reside no fato de o bilíngüe desconsiderar seu próprio bilingüismo. Nesse caso, o preconceito existente não ocorreu de um indivíduo com relação ao outro, mas com relação a si mesmo.

Na verdade, acredita-se que é raro o caso de alguém adquirir outra língua após a infância e apresentar desempenho de um nativo. No entanto, esse não é o foco principal deste estudo; o objetivo era apenas verificar se haveria situação de preconceito ou não.

Quanto ao fato de os informantes terem sido vítimas de algum preconceito devido à característica do bilingüismo, as respostas foram, em sua maioria, negativas. Isso demonstra que a sociedade brasileira, na qual estamos inseridos, apresenta uma visão positiva relativa ao bilingüismo. Desse modo, não há pressões políticas ou econômicas buscando a unidade lingüística no país, com o objetivo de que o falante domine a língua local e aos poucos entre num processo de abandono de sua língua materna.

Além disso, os entrevistados nativos de outras línguas tiveram a influência da família na aquisição e manutenção do idioma, fator que contribui para a resistência e vitalidade das línguas minoritárias, como já foi citado acima.

De fato tem-se conhecimento de que durante o governo do presidente Getúlio Vargas (1951 – 1954) , como já foi mencionado anteriormente, houve um decreto de lei, o qual impedia que imigrantes utilizassem qualquer outro idioma além do português, porém é conveniente salientar que atualmente isso não ocorre mais, pelo menos não de forma tão opressora como no referido governo.

O caso mais recente foi o projeto de lei nº 1676-D, de 1999, de autoria do eminente Deputado Aldo Rebelo, que dispõe sobre a promoção, a proteção e a defesa da língua portuguesa contra a invasão dos estrangeirismos, na tentativa de buscar a unidade lingüística para o país. O deputado declarou ser expressamente contra os estrangeirismos (inclusão de elementos de outros idiomas na língua portuguesa), afirmando que isso colabora para o empobrecimento do idioma. O projeto, até o presente momento, espera para ser votado, mas é explícito que os argumentos do deputado além de infundados, não modificariam em nada a evolução natural das línguas.

Quanto à valorização da sociedade em relação aos indivíduos bilíngües, alguns informantes acreditam que não se valoriza tal característica, de modo que nunca foram favorecidos por ter habilidades em mais de um idioma. Ao contrário, segundo estes, a sociedade critica o *codeswitching*.

Por outro lado, alguns dos entrevistados afirmaram que a sociedade valoriza e considera o bilingüismo algo extremamente positivo, sendo que isto constitui fator determinante na busca de um bom emprego no mercado de trabalho.

Outro fator importante é a questão das classes sociais. Os informantes declararam que as pessoas leigas no assunto, ou pertencentes a classes sociais menos favorecidas, tendem a considerar o bilíngüe como alguém que não fala corretamente, ou que não tem nenhuma importância particular devido à utilização de dois idiomas. Já pessoas mais esclarecidas, tendem a reconhecer o valor e importância do conhecimento de outras línguas.

Este fato vem corroborar a análise citada anteriormente de que as definições de efeitos positivos ou negativos, relacionados ao bilingüismo, estão muito além da proficiência apresentada no uso de diferentes línguas, mas residem também em fatores de ordem social.

Entretanto, todos os entrevistados consideram o bilingüismo como algo positivo em suas vidas, seja por estarem em contato com diferentes culturas, e com isso apresentam outras visões de mundo e relações sociais, ou pelo enriquecimento cultural cada vez mais necessário no mundo globalizado em que estamos inseridos.

Quanto à questão do *codeswitching*, os entrevistados partilham da opinião de Scotton (1993), de que tais conversas não constituem um estágio de transição na passagem do domínio de uma língua para outra. Assim, a seleção de uma ou outra língua ocorre de maneira automática e natural. Além disso, os informantes consideram o *codeswitching* como algo extremamente natural e freqüente, como parte de um comportamento bilíngüe durante a interação conversacional. Em outras palavras, esse tipo de comportamento pode e

rotineiramente ocorre em ambas as comunidades, tanto bilíngües quanto monolíngües (Romaine, 1995). Todavia, reconhecem que a sociedade, nesse caso, critica a mistura entre as línguas, e um deles chega a relatar que embora faça uso do *codeswitching*, isso é algo errado e, portanto, deve ser evitado.

De fato, conforme Mozzillo (2001), todo o falante bilíngüe apresenta um comportamento lingüístico próprio no momento em que interage com um interlocutor que detenha o seu mesmo par de línguas. Esses fenômenos têm sido estudados e descritos pelos pesquisadores do bilingüismo como naturais e inerentes à condição de usuário de mais de um idioma. Trata-se de uma estratégia de adaptação comunicativa altamente desejável e benéfica do ponto de vista pragmático, constituindo um comportamento de ativação-desativação de uma ou de outra língua de acordo com elementos particulares a cada situação interativa.

É importante ressaltar que em cada uma das áreas de contato é necessário que existam pressões de diversos tipos de modo a influenciar o emprego, por parte do bilíngüe, de um dos seus idiomas em detrimento do outro.

Considerando-se que o bilingüismo é um fenômeno presente nos mais diversos contextos sociais e que em algumas sociedades atinge grande importância política e social, é fundamental compreender que as duas línguas em pauta freqüentemente representam diferentes redes sociais às quais associam-se sistemas de valores. A escolha da língua por parte de cada sujeito auxilia, dessa forma, a simbolizar sua identificação cultural com cada sistema. (Hakuta 1986 apud Mozzillo 2001).

Por fim, cabe mencionar que a presente pesquisa foi realizada a partir da utilização de línguas com alto status social, fato que talvez constitua o motivo de apreço e não preconceito, tanto por parte dos falantes bilíngües, como da sociedade como um todo. Desse modo, se nesta pesquisa fossem levadas em consideração as línguas minoritárias ou de fronteira, os resultados obtidos provavelmente seriam diferentes.

Bibliografia:

BORSTEL, Clarice Von. *A interface língua e identidade alemã no Brasil*. In: VANDRESSEN, Paulino. *Variação, Mudança e Contato Lingüístico no Português da Região Sul*. Pelotas: Educat, 2006.

GROSJEAN, François. *Life with Two Languages: An Introduction to Bilingualism*. Cambridge, Massachusetts, and London: Harvard University Press, 1982.

HAKUTA, Kenji. *Mirror of Language: The Debate on Bilingualism*. New York: Basic Books, 1986.

MILROY, Lesley & MUYSKEN Pieter. *One speaker, two languages: Cross-disciplinary perspectives on code-switching*. New York: Cambridge University Press, 1995.

MOZZILLO, Isabela. *A conversação bilíngüe dentro e fora da sala de aula de língua estrangeira*. In: HAMMES, Walney Joelmir & CASTRO, Rafael Vetromille. *Transformando a sala de aula, transformando o mundo: Ensino e pesquisa em língua estrangeira*. Pelotas: Educat, 2001.

OGLIARI, Marlene Maria. *Línguas minoritárias e situações bilíngües decorrentes: considerações sociolingüísticas*. In: VANDRESSEN, Paulino. *Variação, Mudança e Contato Lingüístico no Português da Região Sul*. Pelotas: Educat, 2006.

ROMAINE, Suzanne. *Bilingualism*. Oxford: Blackwell, 1995.

SCOTTON, Carol Myers. *Social Motivations for Code Switching: Evidence from África*. New York: Oxford, 1993.

www.bilingüismo.org > acesso em 25 de agosto de 2006.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
FACULDADE DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – ESPECIALIZAÇÃO
ORIENTANDO (A): MÔNICA FERREIRA
ORIENTADOR (A): PROF^a Dr^a ISABELLA MOZZILLO
PERÍODO: Agosto 2006

- Pesquisa sobre a visão do bilíngüe acerca de seu bilingüismo e as relações sociais presentes nesse processo.

Nome: _____

Idade: _____

Profissão: _____

Data: _____

1. Que idiomas você fala? _____

2. Desde quando você fala duas línguas? _____

3. Em que situação você aprendeu duas línguas? _____

4. Qual a relação que as duas línguas tem para você? _____

5. O que é ser bilíngüe na sua concepção? _____

6. Você se considera uma pessoa bilíngüe? _____

7. Você acredita que alguém que aprendeu uma segunda língua após a infância pode ser classificado como bilíngüe? _____

8. Você já sofreu algum tipo de preconceito por ser uma pessoa bilíngüe? _____

9. Como você acha que o bilingüismo é visto pela sociedade brasileira em geral? _____

10. Para você o bilingüismo é algo positivo ou negativo? Por quê? _____
